

**COMPREENSIVIDADE E SITUACIONISMO EM
GILBERTO FREYRE
(TRAJETÓRIA TROPICOLÓGICA)**

Maria do Carmo Tavares de Miranda

Não só um compreender o Homem, mas compreender-se a si mesmo e assim o seu grupo, seu povo, para compreender o Homem Situado numa história, com seu corpo, expressões, ações, num espaço-tempo não meramente físico, mas psicossocial, eis uma intenção de Gilberto Freyre, da qual dependeu toda a formulação de sua obra. Em tudo, portanto, está presente, crê-se, essa visão do Homem Situado no Trópico, seu modo de "estar em situação" entre as constantes ou formas, processos que o definem nas relações entre o meio natural e o cultural. Anota-se a importância e a urgência que o escritor sempre dá para apreender o significado das coisas, dos valores, das pessoas, através de uma atenção que partindo da análise dos fatos e de sua materialidade, do que é efetivamente vivido, tenta alongar-se até a interpretação de experiências e de sua significação para a captação da realidade, enunciada através de símbolos que melhor exprimam a concretude da vida humana, seu devir e seu poder-ser, sua dramaticidade paradoxal tendida entre sua ideação e suas possibilidades. Nisso, intuições e introspecções, percepções e reflexões freyrianas contactadas com observações sobre o comportamento de indivíduos combinam-se com indagações que buscam redescobrir o originário latente, arquétipo vivo da sociedade, que possa explicar o que perdura no presente conformando prováveis futuros, pois o presente, neste tempo gilbertiano – tempo trípico – é origem de temporalização do "estando" que persiste e flui, permitindo uma pesquisa ampla, múltipla e vária que trace a história social da compreensão do Homem Situado em uma área, no caso, a tropical.

1 – O HOMEM SITUADO NO TRÓPICO

Essa importância do “estar em situação” no espaço-tempo, inter-relacionando o natural, o social e o cultural a fim de poder ter um estudo completo da vida humana, dos fatos e valores, foi devidamente definida em *Sociologia* (1945), e, embora desde seus primeiros escritos de 1918, já o viesse fazendo, cada vez mais se aprofunda em exigências de interdisciplinaridade e inter-relacionamentos.

É a contínua busca por uma interpretação e compreensão do homem, tanto científica como humanística, à qual não faltam nem visões artísticas e de literatura, visões místicas e filosóficas, que tentam dizer compreensivamente o homem através dos *quanta* de sua experiência, existencial e ambiental, enunciando o modo de situá-lo em relação a uma realidade universal. É o sentido da coexistência humana interagindo enquanto abarca o conjunto de um a vários grupos humanos dentro de uma mesma tipologia, a de situações, a de formas, processos a que se pode analisar regional e transregionalmente, nacional e transnacionalmente, seja em critérios de sociologia genética ou de história social, de análises psico-históricas ou sócio-ecológicas, o biossocio-culturais ou antropro-sócio-culturais, estendendo-se e intensificando-se em “compreensão humanística de valores” que combina e paralela fatos e condições de espaços e tempo com interpretações do que seja o próprio homem, sua natureza e cultura, em seu próprio ser e nos seus modos de ser.

Uma concepção, portanto, a de Gilberto Freyre, existencial, que visa o homem concreto, e que atende ao que é vivido como análise combinatória descritiva da cotidianidade humana. E nessa visão de Homem Situado constitui-se a Tropicologia contínua e evolutivamente como fenomenologia da existência a partir da categoria ontológica de situação. E toda a questão da intencionalidade e da significação aí está colocada, pois ela é a afirmação da existência da própria consciência humana desse Homem (Situado) que está voltada para o que existe. Por isso mesmo, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, inter-relacionamentos entre visões teóricas das ciências e visões práticas, sejam artísticas, experimentais, empíricas, visões valorativas filosóficas e religiosas, alternando-se com co-visões diversas da vida, o vivenciado por cada um segundo a experiência colhida pela observação e experiência, ou pela idade, conjugadas como convivência inter e transgeracional, sejam depoimentos ou testemunhos, coleta de fontes, histórias da vida, autobiografias e biografias, confirmam a totalidade da obra freyreiana como sendo a de desentranhar do conceito de Situação, e de Situação no Trópico, o universo de uma Tropicologia desenvolvida em teses e aplicada nos seus escritos, assim como em seu Seminário de Tropicologia, criado em 1966, ao de sua instalação efetiva, mas que revela o que foi experienciado desde a própria gênese de toda a obra. Por essa razão não soaria estranha sua afirmação: “Minha pátria por assim dizer ecológica é o Trópico. Todo o mundo tropical”^{13:13} em consonância com o que em 1925 já deixava pa-

tente no *Livro do Nordeste* como relato de experiências, questões concernentes à vida de uma das regiões do Trópico brasileiro. E o escritor concordava com esta minha interpretação,^{1:31} a de que esse livro era, foi, é, a antecipação do Seminário de Tropicologia, até mesmo documentada como seus Anais.

De uma convergência de métodos e saberes, aos quais não faltam, nem a introspecção, nem o exercitar-se ascética e misticamente a modo ignaciano e luliano, para melhor dispor-se à análise do que é comum enquanto dinâmica e processo a todos os homens e à formação social de uma área, inicialmente regional e transregional, posteriormente transnacional da condição humana, nem considerações que se ampliam pela "multicentricidade", termo com que designava, então, sua orientação de estudos e pesquisas articulando conhecimentos científicos em torno de complexos e problemas limitados por características de espaços e tempos sociais, os quais podem não ser os mesmos dos espaços-tempos físicos, mas têm em comum o fato de serem tropicais ou "quase-tropicais" em suas condições de vida, surge a trajetória tropicológica da obra freyriana – de *Tempos de Aprendiz* (1981), coletânea de seus artigos de jornal enviados dos Estados Unidos da América, quando estudante, e publicados no *Diário de Pernambuco*, a *Ferro e Civilização no Brasil* (1988), obra póstuma, recentemente lançada com o apoio do Grupo Gerdau.

Desse itinerário que não é senão a abordagem e aprofundamento do conceito – categoria da Situação – explicando condições concretas, modos de existir humano, falam, entre outros, *Manifesto Regionalista* (1926), *Região e Tradição* (1941), e seus estudos sobre a sociedade patriarcal e semipatriarcal no Brasil, formação, decadência e desintegração, *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936), *Ordem e Progresso* (1959), assim como *Nordeste* (1937), livro ecológico, do homem situado, da vida e da paisagem do Nordeste, sem deixar de lembrar as obras que de 1945 a 1975 são como o cerne axial, entroncamento de raízes e surgimento de árvores com frondosas copas abertas ao céu dizendo inacabamento por serem duração e fluência contínua, tais como *Sociologia* (1945), *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* (1953) *A Propósito de Frades* (1959), *O Luso e o Trópico* (1961), *Homem, Cultura e Trópico* (1962), *Além do apenas Moderno* (1973), cujos subtítulos referem-se ao Homem, em geral, ao brasileiro, em particular, aos novos complexos de civilização, às inter-relações nos trópicos, para estabelecer, então, duas linhas de considerações num equilíbrio de tensões, as complementariedades rítmicas, antes apontadas e só após retomadas, uma, em recorrências de temas, tais como, entre outros, *Arte, Ciência e Trópico* (1962) e *O Brasileiro entre os Outros Hispanos* (1975), outra, em paralelos que são desenvolvimentos e sínteses não conclusivas, mas temáticas e novas teses, tais como *Insurgências e Ressurgências Atuais* (1983), *Homens, Engenharias e rumos Sociais* (1987), que estabelecem os núcleos de forças – centro de reflexão e ação – da visão

Tropicológica, cujo objetivo não é outro senão o do estudo do Homem Situado no Trópico.

É, assim, que se constitui a Tropicologia, retomando o mesmo princípio que o norteou no estudo da sociedade patriarcal no Brasil: o de anotar não um só progresso no desenvolvimento brasileiro, mas vários progressos, não "um começo só, mas vários em espaços e datas diversas". É a Tropicologia tecendo concentradamente núcleos que permitem, através de um "critério gestaltiano de interpretação",^{14:58} (como dizia em sua tese na Universidade de Colúmbia em 1922), intuições, percepções, reflexões, sobre os indivíduos humanos e seu comportamento, do mesmo modo que se abre à compreensão das sociedades e ao que faz sua historicidade específica – "história inteira de um povo" a "exprimir o seu caráter". Nesse estudo das relações entre o homem e o Trópico fazem-se presentes na Tropicologia e no seu Seminário "perspectivas não só brasileira como atlântica, não só nordestina ou mineira ou centro meridional ou gaúcha como tropical, hispanotropical, lusotropical e, por conseguinte, transregional. São estudos de problemas arrojadamente experimentais, não só realizados do ponto-de-vista pan-brasileiro como pan-humano, sendo antes intermediariamente pan-tropical".^{10:37} São as perspectivas sócio-ecológicas exigindo-se da interpenetração convergente e divergente de saberes diferentes, fundamentando-se na experiência e na própria dinâmica da história do homem.

É a tropicologia como síntese universal-regional, ciência que salienta os valores existenciais da convivência humana situada em diferentes tempos e espaços tropicais sem exclusão da universalidade humana aplicada a situações específicas, circunstâncias próprias, ecológicas ou ambientais e que dizem a dimensão humana vivida tanto no tempo como no espaço social, tropical, vistos não só quantitativamente, mas, também, qualitativamente. São as análises sobre o homem e a cultura diversamente situados que toda sua obra reflete como critério de abordagem ecológica e etológica, atendendo a necessidades situacionais. Sua Tese, seus artigos de jornal, hoje editados, dizem a gênese da Tropicologia, seus escritos da década de 20 referem a diversidade regional do Brasil, valores regionais, diversidade e diferenciação de grupos da população brasileira segundo o tempo ou épocas de suas vidas, interpretação do *ethos* do homem brasileiro e de uma sociedade vista culturalmente, enquanto a partir de *Casa-Grande & Senzala*, ressaltando "o contacto do português com os trópicos" inicia-se experimentalmente a lusotropologia, a ser seguida posteriormente como hispanotropologia, (subciências da Tropicologia) e antes de ser a rigor proposta uma sistematização científica inter-regional, transnacional, intertropical. Era, entretanto, o estudo do Homem Situado no Trópico e das civilizações desenvolvidas em áreas tropicais, pois amplia o critério de região pelo ato de ser transnacional através de um "esforço comum em torno de complexo limitado por suas características de espaço – outra técnica, ou combinação de técnicas", em que se antecipou com o preparo do livro *Casa-Grande & Senzala*. E

tais estudos cabem dentro de uma “expressão exata ou completa; lusotropicalologia, . . . (porque) lusotropical é sempre o conjunto desta cultura quer se considere o centro de sua vida física – o trópico habitado à maneira mais ou menos lusa – quer o centro de sua vida sobreorgânica ou cultural: a cultura luslada adaptada aos trópicos”.^{4:139-140})

Como perspectiva analítica do Homem Situado em espaços tropicais: insere-se a Tropicologia numa reflexão cada vez mais atualizada, filosófica, científica, social e politicamente, sobre o homem com sua presença ou existência concreta, seu desenvolvimento, conteúdos históricos. Seu objetivo é o de estudar e tentar compreender o homem, de acordo com sua própria realidade disposta nesse espaço-tempo específico de valores existenciais e com sua vida em experiência e impacto de civilizações e culturas. E ela se forma sobre um saber de experiências e formula um conhecimento de constatações da existência do homem em condições especiais e avança através de uma análise crítica e procedimentos de desocultação de raízes, projetos, rumos e objetivos do viver humano no seu modo de ser tropical. Aos fatos e ao saber de experiência a Tropicologia acrescenta-lhes um experimentar e um experienciar que se encaminham à elaboração de um conhecimento que elucide teórica e praticamente a integração do homem com a natureza, seu meio e ambiente, com sua cultura, trazendo-lhe a perspectiva experimental e existencial do homem nos Trópicos, como existente singular e sua condição humana plena de paradoxos.

Neste sentido a Tropicologia se apresenta e se constitui plasticamente através de conflitos existenciais – o de sua própria construção como conhecimento complexo da própria convivência humana, múltipla, dispersa, plena de antagonismos – tentando o equilíbrio de ritmos diversos de complementariedades que dizem a vida do homem no mundo tropical. Busca uma análise das situações e dos comportamentos existentes. Visa o espaço-tempo do Homem Situado a fim de compreendê-lo nesse dimensionamento físico e social que condiciona formas de presença. Estas se manifestam entre diferenças de sistema de vida e semelhanças do modo de viver que constituirão o ritmo tropical de simbiose criativa.

Estudar em profundidade e amplitude as inter-relações que tentam interpretações do Homem Situado, seus valores, energias criadoras que o plasmam e que se estendem dessas situações concretas até a análise do homem como ser-no-mundo, é o seu objetivo. Ao destacar o modo de ser do homem nos trópicos, através de uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar que não se deixa aprisionar pelos cientificismos, abre-se dinamicamente à acolhida e abrangência de saberes e *insights* compreensivos que visam entender a realidade humana. Estabelece-se, então, um diálogo criativo, amplo de correlações entre as ciências, as humanas com as da natureza, com as letras, as artes, o universo de conhecimentos teóricos, práticos, experimentais.

A visão do concreto e a própria dramaticidade do homem existencialmente convivente com seu espaço, seu tempo, sua história, todo o

complexo de suas relações, tudo que lhe dá uma tonalidade climática, sua natureza, e o que dela é exigência de transcendência, orientam as aproximações de interpretações para um saber sobre o Homem Situado. Essa visão sistematizadora, conceituada nos anos 50, e sempre aperfeiçoando-se é também uma visão dramática, porque tensa de confluências espaço-temporais, tempóreo-históricas, dessemelhanças e constâncias, valores tradicionais e modernos, regional-universais, nacional-universais, memória-antecipações, signo-sentidos, que desde antes dos anos 20 já se fazia configurar.

A partir do Homem Situado no Trópico alcança-se um saber do Homem-no-mundo-tropical e do Homem, ser-no-mundo, também dramático, porque é Homem Situado que experiencia seu próprio viver de homem encarnado, como conhecimento experimental e existencial de seu próprio ser e das condições concretas da existência. Sua situação, seu espaço-tempo, indicam um destino específico e próprio, e sua história pessoal, a ser recriada por ele, como também a história do grupo humano a que pertence e a articulação e integração com a historicidade do próprio ser-no-mundo. Pode-se falar de uma análise do existente humano, situado e em condição, tempóreo e histórico, alcançando-se, então, a experiência do homem-no-mundo. É uma análise do Homem Situado que se elabora a partir do concreto, do particular, do regional, do transregional, do transnacional – a área ou espaço – social tropical.

O Homem Situado e sua experiência de habitante no mundo, com seu corpo e por ele, tempóreo e histórico, é uma presença, cujo presente é vivido em expansão, tanto de passados quanto de antecipações. Este ser no seu todo é indivíduo e pessoa, não pelo que a individualidade se assimile à materialidade, mas pela sua ordenação à matéria. O corpo estabelece sua solidariedade ao cosmo como sendo um dado da natureza e uma estrutura constitutiva, e determina as condições do agir humano.

No momento inicial da conceitualização da Tropicologia, Gilberto Freyre, partindo de uma lusotropicologia afirmava o que vem sendo motivo desta reflexão: "O português levou para os Trópicos uma forma de corpo – isto é, uma forma ou maneira especializada, do indivíduo ser homem – e um tipo de casa – uma extensão de uma forma física do indivíduo ser não só homem como pessoa – adaptados a um ambiente que, longe de contrastar com o violentamente tropical, era uma como que antecipação européia dele"^{4:82-83}.

Pelo corpo é-se situado, habita-se o mundo, não só físico, quantitativo, mas como o dimensionar-se do homem, seu habitual modo de ser, seus hábitos. As experiências concretas das habitações – as casas – já indicam a condição humana na situação de sua vida, vista qualitativamente. Estabelecem-se, assim, perspectivas de estudo sobre seu relacionamento com o ambiente e o meio que apresentam condicionamentos, com seu tempo e sua história. A unidade concreta do homem é, ao mesmo tempo, limite e horizonte. Esta a sua condição. A condição humana do homem encarnado, concreto. Pode-se falar, portanto, do seu ser de

memória, de atenção e de esperas, ou ainda de seu ser presença do vivido, do convivente e do histórico, carregando consigo memórias de experiências: a de si mesmo, a do social, a do coletivo, a de suas raízes. Habitante do mundo pelo seu corpo, o Homem Situado estabelece as dimensões espaço-temporais em ritmo próprio e com capacidade de opções para delinear sua história pessoal e fazer existir seu corpo como finitude aberta ao mundo, contribuindo para a história de seu espaço-social.

A Tropicologia e seu Seminário como estudo do Homem Situado no(s) Trópico(s) efetiva o conhecimento como redescoberta do concreto, dos condicionamentos, da conduta, da compreensão existencial do homem com sua presença como participante e convivente nos espaços tropicais e em diversos tempos sociais.

Não estaria o conceito Trópico ou mesmo tropicalismo, ainda equívoco, fundamentando ecologicamente o conjunto de imagens e formas, títulos simbólicos, correspondendo a complexos transregionais, tais como *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos*? E não é a Tropicologia (em gênese e formação até sua explicitação em 1951) o conceito que orienta o complexo de equilíbrios entre o indivíduo e a sociedade, refletindo o próprio modo de ser do Homem Situado combinando rotinas de trabalho diário e aventuras de seu ser criador, como disposição do homem, individual e familiar, que se deixa transparecer na ritmia da comunidade mais próxima e se estende à comunidade regional, nacional, transregional? Assim o conceito de Tropicologia a dizer o mundo ambiental do homem, suas raízes, seu próprio ser, sua condição humana, sua situação. E o Trópico é o mundo que o homem habita, qual seu corpo, qual sua casa, como o modo de estar, do "estar sendo" do homem, dos fundamentos de seu ser, dizendo o que inerente à vida a qualifica, seu habitual modo de ser, posicionar-se, sua amplitude de relações e ações, infirmitades de acolhimentos e sua consistência.

É assim, concomitantemente a Situação, o "estar-em-situação", como atitude de comportamento, o modo de posicionamento do homem, sua forma de presença e seu múltiplo relacionar-se consigo mesmo e com os outros. Como condicionamento da existência, em sua complexidade reclama-se de outras afirmações categóricas que, interligando-se, dêem conta tanto do pensar que capta os diversos modos de ser quanto da expressão que as enuncia. Assim, conjugam-se com a *situação* tanto a *quantidade* e o em que consiste seu fundamento, quanto a *qualidade*, avaliando-a, tanto o *lugar* como o *ter* uma situação ou o habitual modo de ser ou manter-se, encontrar-se, indicam, também, um estado do homem. Além, portanto, de estar localizado é, também, em tal situação, com a possibilidade ou capacidade de *agir* ou de utilizar, ou de estar exposto à *recepção* de algo, como também o ter sentido e orientação dizem uma *relação* e falam do que advém com *tempo*, afirmando, portanto, cada um a seu modo, a realidade *no que ela é*.

Nesse sentido é que a própria Tropicologia, já objeto de estudos anteriores meus, se confirma em torno do complexo da habitação, desig-

nando o modo do habitar humano, a própria condição humana em situação, suas disposições fundamentais e as experiências habituais que daí decorrem. É uma abordagem do complexo do Habitar Humano no Trópico, enquanto o homem é visto em sua unidade e integridade de indivíduo, com seu corpo como organismo vivo, de pessoa que interage e inter-relaciona-se espiritualmente, permitindo assim pesquisas, análises e estudos de realidades psicofísicas e biossociais, psicossociais, sócio-histórico-culturais, inter e transdisciplinares, inter e transgeracionais, onde o que conta é a reflexão profunda e a experiência comprovada de saberes, conhecimentos, práticas, como o faz e assim se constituiu desde o seu início, o Seminário de Tropicologia, seguindo a orientação do inter-relacionamento de saberes experienciado e vivido, meditado e efetivado por Gilberto Freyre, em toda sua obra.

E Casas equivale ao Habitar qualitativo do Homem no Trópico e a Engenharias, não só a das construções e materiais, a Física, mas também a Engenharia Humana e a Social, a da harmonização de elementos ao bem-estar do homem, a de organização e sistematização visando a convivência do homem com a natureza, com a cultura – por isso ao lado de Casas, também Ordem, Progresso, Insurgências, Ressurgências. É a mesma temática que desde sua obra inicial se aprofunda, se expande, se recria. Sempre, porém, em torno de um cerne: a compreensão do Habitar Humano *Situado* no Trópico. Não foi sem propósito o estabelecido anteriormente visando apresentar o conceito de Situação e a Tropicologia – com o seu objetivo do Homem Situado no Trópico – no cerne da obra freyriana. Pois, tanto *Casa* quanto *Tempo* inter-relacionam-se com e no Trópico.

Vejam-se em *Arte, Ciência e Trópico* e em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos* a retomada recorrente e propulsiva entre o que é ecológico, e o homem e suas relações com o espaço tropical e de passagem – o que não significa dar pouca importância a alusão ao raciovitalismo orteguiano estabelecendo correlações da arte como forma da vida, condicionamentos históricos e sociais que dizem a realidade situada do homem, assim como as relações inter-regionais dizem relações tanto entre espaços quanto tempos, do mesmo modo que realçam a existencialidade das inter-relações entre homem, ambiente e situação.

Vejam-se *Insurgências e Ressurgências Atuais, Homens, Engenharias e Rumos Sociais*, e também *Ferro e Civilização no Brasil*, como retomadas, paralelos, aprofundamentos, sínteses e novas teses.

Não declara textualmente os temas inter-relacionados, de sua preferência, e entre esses Homens *Casa; Português e Trópico*, nos seus estudos sobre a formação brasileira, estudos “empáticos e em parte intuitivos – como já se vem realizando há anos, no Brasil, em torno quer de um homem, primeiro pré-nacionalmente, hoje nacionalmente brasileiro, quer de um homem antropológico, cultural e ecologicamente situado em trópicos, ou no trópico”,^{9:113} assim como não teria se derivado “de *Casa-Grande & Senzala*, o conceito brasileiro de lusotropicalismo, depois es-

tendido aos de lusotropologia e de hispanotropologia, pela constatação de terem sido portugueses e espanhóis os únicos criadores simbióticos de gentes e culturas eurotropicais. . . principais responsáveis por descobrimentos de valorizações de ecologias e climas tropicais como parte importante de uma moderna tropologia”,^{9:205} e não abre novas perspectivas ao estudo sobre memória, sobre razão e transrazão, mitos e mistérios com seu *Insurgências e Ressurgências Atuais?* E novamente a memória, a orientação situacional nos estudos e pesquisas sociais, a Tropologia e as Engenharias física, humana e social e sua importância para o desenvolvimento brasileiro, atendidos “os critérios inter-relação entre modernidade e tropicalidade, universalidade, regionalidade, inovação tecnológica e tradição brasileira”^{8:118} não é o que afirma em *Homens, Engenharias e Rumos Sociais*, repensando obras anteriores da década de 40, no caso sua *sociologia*? E por fim o que será o próprio “habitar, senão criar espaço”^{6:63} enquanto as três Engenharias como aplicações à concretude ou existencialidade de situações humanas, ^{6:312} não visam o objeto de estudo da Tropologia? Não se pode assim encontrar nas últimas páginas escritas por Gilberto Freyre, *Ferro e Civilização no Brasil*, o liame de suas cogitações científicas?

Desses estudos do Homem Situado no Trópico pode-se dizer que, na busca da compreensão em totalidade de sua formulação, alcança-se o que caracteriza essencialmente o existir dramático e convivente da condição humana, histórica, num tempo e num espaço, existivamente tendida a estabelecer as sínteses criadoras entre o que memória e antecipações trabalham através de auto-análise sócio-culturais, desde o Habitar caseiro tecendo esperas – Casas-Grandes, Senzalas, Sobrados, Mucambos, Rotinas, Progressos, além do apenas Moderno – até Aventuras do espírito estabelecendo novas inter-relações ritmadas: Nossa cotidianidade de Homens Situados no Trópico.

2 – SITUAÇÃO, ESPAÇO E TEMPO

Buscando fundamentar o que sejam Compreensão e Situação em Gilberto Freyre tenta-se retomar de modo basilar esses conceitos em sua gênese e desenvolvimento, para fazer realçar a Tropologia – ceme e fim de obra freyriana – como fenomenologia da consciência de situações.

Uma captação do homem e da vida, concretamente, na sua fluência e situações, caracteriza o que seja a compreensão em Gilberto Freyre e seu situacionismo atento às inter-relações entre o experienciar concreto e efetivo, os projetos da existência de homens o de grupos humanos, seus valores e sua circunstancialidade de situados, referida a uma espaço-temporalidade, vária e múltipla que precisa ser desentranhada através de formas ou símbolos e tipologias plenas de significações. É a experiência – empatia – da covisão dos valores de uma sociedade, alongando-se na teia de complementariedades que indicam distintos pontos ora de espaços sociais diversos, ora de momentos variáveis, todos entrelaçando-se

numa convivência de situações ritmadas em espaços internos e externos, físicos e sociais, intimidades e universalidade e em tempos que se correlacionam, também, segundo ritmos diversos de convergências. Nesse sentido da captação da vida em seu movimento e dinamismo, mais que tudo ressalta o que nela é uma constante no seu próprio processo. São as formas, estilos, normas, valores e símbolos que condicionam modos de ser, modos do existir dos homens concretos.

É dessa circunstancialidade do homem – o homem concreto, vivido, com seu corpo e situado num espaço-tempo que fundamenta a compreensão humanística de valores, objetivo de Gilberto Freyre, e o seu situacionismo – que se pode inquirir sobre suas matrizes e seu desenvolvimento, origem e percurso em sua obra, constituição de seu próprio saber em experiência e razão de sua consciência tropicológica, integrada com o todo do homem e as circunstâncias que o rodeiam, e atenta aos estilos de sua vida e aos contornos de sua existência.

Por isso mesmo não seriam as explicações, nem um conhecimento meramente objetivo, mas a Compreensão afetiva do próprio dinamismo da vida do Homem em Situação – disposições, localizações, tempos – compreensão e interpretação existencial da própria complexidade da vida do homem ou dos grupos humanos e de suas inter-relações com o meio, os ambientes, expressões e fatores culturais o que fazem o conhecimento. Essa visão gilbertiana hispânica e diltheyana que marca a sua obra permite-lhe constituir uma Tropicologia, como ciência compreensiva do homem que está-sendo em-situação. Isso é demonstrado pelas suas análises autobiográficas coletivas ou biográficas simbólicas ou tipológicas, de espaços-tempos engenhados socioculturalmente e com transposições histórico-sociais, de memórias coletivas e antecipações convividas, de espaços e tempos privados, locais, regionais, combinando-se com o universal tanto no tempo quanto no espaço. Assim é que da intimidade da vida nas casas e do mundo da publicidade nos pátios, praças, festas, alcança-se a condição humana em situação através de fatos e valores místicos, mágicos, metarracionais. E sempre insurgências e ressurgências entrelaçando-se através de uma imaginação compreensiva que dá destaque à “consciência de situação”, “suas formas, seus processos, suas constelações”,^{12:658,651}

Simmel, von Wiese, Max Weber, Giddings, e Dilthey aí estão presentes além da visão psico-sociocultural hispânica com o reconhecimento de que vivência, expressão e compreensão constituem a captação de objetos e são o saber de valores e fins, uma vez que a vivência como experiência “concreta encerra em si uma unidade. Não é presente, contém tanto passado quanto futuro” na consciência do presente. O conceito de presente não tem dimensão em si, e a consciência concreta do presente contém passado e futuro como diria W. Dilthey.^{2:363}

Gilberto Freyre é explícito a esse paradigma, e o diz em detalhes na sua *Sociologia*, e anos após realinha “que há no comportamento do Homem Social muito que só compreendido é suscetível de estudo, de

análise, de interpretação. Uma compreensão inaplicável aos objetos de estudo dos cientistas apenas objetivistas. . . . As manifestações do comportamento se tomam psicossocialmente expressivas: expressivas além de suas exterioridades. Donde a vantagem, em certos tipos de análise social em profundidade, de levantar-se o passado ou a experiência cultural, isto é, o conjunto de antecedentes, do indivíduo socializado em pessoa ou do grupo humano analisado; e também do analista. Experiência cultural comum ao indivíduo socializado em pessoa ou ao grupo social sob análise e ao analista, com o analista sendo um participante das tradições e um experiente – e não apenas experimentador – das convenções daquele indivíduo – pessoa ou daquele grupo não só sociocultural como psicocultural. . . . E através de valores assim objetivados é que se tomaria possível a interpretação em profundidade de um grupo humano por um analista que procurasse interpretá-lo, destacando dele – do grupo – ninguém diz que uniformidades absolutas porém predominâncias características. Precisamente o tipo de interpretação de que venho procurando me aproximar no trato, quer da formação brasileira como uma projeção ibérica – particularmente portuguesa – em espaço tropical, quer do Homem situado no trópico, através de diversas formas de definição, mas dentro da mesma ecologia geral".^{5:119-123}

Pode-se ver, ainda, a ênfase "as expressões em seu contexto sociocultural, dentro de sua configuração", a auto-análise permitindo que "o cientista ou o analista ou o intérprete de uma situação social chegasse a uma compreensão da profundidade do Homem – de suas relações e criações. Relações e criações social, cultural e historicamente condicionadas e animadas de significados só compreensíveis em relação com tal condicionamento".^{5:124}

Compare-se essa tríade diltheyana – experiência ou vivência, expressão, compreensão – com a tríade gilbertiana – empatia, autobiografias, identificação compreensiva – segundo a análise de recorrências de tempos sociais e espaços socioculturais variáveis.

É a empatia que participa e vê como interação entre o 'eu' do analista identificando-se com o 'tu' regional ou temporal, que analise, até formarem um 'nós' satisfatoriamente sociológico e concorrerem para o conhecimento de um 'nós', a princípio regional ou temporal, depois, quanto possível, pan-humano"^{5:127} em busca quase religiosa do eu coletivo, nacional, e suas circunstâncias,^{8:35,176}, e que constitui base e fundamento ao seu *Contribuição para uma Sociologia da Biografia*. São as *Autobiografias coletivas*, *Biografias*, *Seminovelas*, como o exercício de revelações de intimidade da vida vivida de um grupo humano, situado no trópico, tendo em vista a identificação compreensiva – a imaginação compreensiva – captando sentido e significação, valores, exprimindo o *ethos* brasileiro através de constantes e de símbolos que expressam o que somos e estamos sendo.

Por isso Gilberto Freyre pode dizer o que é o brasileiro. "Uma gente hispânica sendo também uma gente situada no trópico e localizada na

América: duas outras dimensões de espaço-tempo que nos condicionam, além da cultura, e *ethos*; e que se juntam – inclusive com suas contradições – para dar às preocupações brasileiras com futuros possíveis que se exprimem através de estudos sociológicos desses futuros uma riqueza incomum. . . Somos uma gente situada no espaço e no tempo de três – pelo menos – diferentes maneiras, com preocupações por futuros possíveis em que se refletem predominâncias de apego ora a uma, ora a outra, dessas situações. Pois o nosso tempo é principalmente um tempo tríplice^{3:8}. Acrescente-se, tempo que se entrelaça, interpenetra-se, complementariza-se, coexiste, se experiencia afetivamente e sentidamente, segundo durações e possibilidades que superam transtemporalmente o tempo apenas histórico.

Essa a compreensividade gilbertiana insurgentemente entrecruzando o realismo e experimentalismo franciscano e o experimentalismo introspectivo hispânico com “a sistemática diltheyana de Ciência do Homem, segundo a qual a realidade do Homem é insuperável da realidade da vida em que ele vive e da realidade do mundo – ou do espaço – em que ele vive”,^{11:101} captada de modo não meramente lógico ou racional, mas metarracional, pois se o intuitivo e a empatia aí entram, também o mítico e místico e as antecipações têm seu lugar na realidade vivida pelo homem, no próprio movimento da vida. O mundo das expressões e exteriorizações simbólicas dizem a dinâmica do próprio existir do homem situado e de suas inter-relações com o mundo. É dessa consciência de si mesmo e de seus inter-relacionamentos – “consciência de situações. . . complementado pelo de inter-relações sociais – onde e em que relação de espaço social ou físico-social e de tempo social com outros grupos, indivíduos ou instituições se encontra o grupo, o indivíduo ou a instituição estudada” – que se estabelece o estudo dinâmico e objetivo da Sociologia Geral: “um conjunto de coisa, forma, processos sociais. As situações sociais correspondem a formas e se mantêm por processos de que são inseparáveis”.^{12:658,680}

Situacionismo, portanto, do sentido da vida sentida em movimento – aí se insere e já se exercita a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade de conhecimento, o estudo de inter-relacionamento entre captações sentidas e inteligenciadas das variedades, pluralidades, regionalidades, as perspectivas plurais para surpreender a vida em movimento, o sentido barroco da vida e da civilização – da situação existencial, funcional e histórica do homem social, do estar o homem em situação e no mundo. Daí o barroco “como expressão e tropicalismo ou situacionismo existencial” e Gilberto Freyre não omite Antonio Quadros e como sua obra foi importante para suas posições. É a Tropicologia inserida no cerne de toda sua obra, desde seus primeiros escritos, como ciência do Homem Situado no Trópico, ciência das inter-relações espaço-temporais, ditadas entre o interior ou intimidades de vida e exterioridades, e tempos diferenciados segundo as exigências de situações – locais, pessoais, regionais, nacionais, transregionais, universais.

Em tudo está presente a intuição do movimento e do espaço conduzindo à compreensão do Homem Situado, seu comportamento, seu posicionar-se, suas significações, seu habitual modo de ser, seu estando, seu lugar no seu mundo – Homem Situado no Trópico. É o homem habitante de seu mundo – o Trópico como que Casa –, caminhante do e no espaço, próximo ou distante, localizado ou em permanência no espaço, e seu mover-se ou dar passos, seu percurso, diz seu ser tempóreo – com tempo. É a compreensão necessária do que mesmo como acidente envolve os seres, o homem, definindo-os segundo o lugar que ocupam, a situação em que se dispõem, o tempo com que se movem, atualizando-se, reorganizando-se.

E Trópico como Casa é o espaço que o Homem Situado tem como seu *habitat*. Isso se pode ver a partir, portanto, do espaço-físico – cada coisa com seu lugar, com suas qualidades, com seu em torno – ordenado e situacional, variadamente movimentando-se até o espaço do próprio viver do Homem Situado, solidário com espaço e tempo, natureza e cultura, seu mundo ambiental e seu mundo criador.

Do Homem Situado num espaço concreto de vida e ações, lugares e regiões qualitativamente distintas, uma visão multirregional e por isso mesmo merecedora de estudos de área, multicentíficos, com suas inter-relações vitais, decorrem verificações relevantes para a vida do homem, ser-no-mundo e ser-no-mundo-tropical, no seu itinerário de convivência íntima com seu meio e com seu tempo. É o Homem Situado, habitante e caminhante, pesquisador do próprio caminho e de seu percurso, ou de seus passos dados e a dar. E não só o espaço físico, mas também o espaço ambiental, espaço existencial, espaço do viver humano situado no espaço tropical, e os tempos vividos, como os viventes que estão-sendo e os pré-vistos que ditam antecipações, co-relacionam inter e transdisciplinarmente conhecimentos e sabedorias, teorias e práticas, que explicitam o Habitar Humano no Trópico.

Esta consideração do Homem Situado, seu modo de dispor-se entre tempos e lugares, tenta compreender o homem como *presença*, como *habitante* do seu mundo, quando e onde homem e mundo inter-relacionam-se em co-habitar, pois assim o homem habita entre coisas, e em sua casa, o mundo circunscreve o espaço de tudo que se dá, instalando e ordenando-o, estabelecendo sob medidas o jogo de contrastes e das tensões, de contrariedades, e o jogo do tempo fluente e confluyente, de memórias e antecipações co-presentes. Fazem-se, assim, necessárias análises estruturais, dimensionais, espaciais, temporais da presença do homem, tendo em vista a própria condição humana desses Homens Situidos, e Situidos no(s) Trópico(s).

Poderia trazer exemplos que reclamam a Interdisciplinaridade, além da perspectiva sócio-antropo-cultural gilbertiana, o que cada vez mais a reforça em sua originalidade. Se predominantemente a visão geográfica vê o “homem habitante”, também a psiquiatria busca constatar a sua presença em determinadas condições, e ambas reclamam análises subje-

tivo-objetivas da convivência e atuação do homem, no espaço. Uma, com suas inter-relações geo-eco-sociais; no espaço e tempo, a outra. É o caso, no exemplo dado, da analfica existencial do psiquiatra Ludwig Binswanger que, influenciado por Heidegger, mostra a importância das dimensões espaciais da existência – a espacialidade da existência em situação – permitindo que o homem seja em sua história, no seu historializar-se, a sua própria possibilidade. Por isso mesmo, como já vimos, arquitetura, urbanismo confirmam que “habitar é criar espaço”. Não só o espaço físico aí está contemplado, também o ambiental, e sobretudo o existencial e vivencial, vitalíssimos à própria interioridade humana e ao seu tecer co-relações e convivências com o mundo, o seu, o de sua cidade, estado, região, nação, transregionais e transnacionais. E não só nessa tela de interações comunitárias, mas noutras e segundo as modalidades criativas que o espírito do homem venha a estabelecer como exigências.

A partir de uma reação topológica das situações que progressivamente se combinam, embora não como determinantes, e sim como condicionantes com os comportamentos do homem, deve-se estabelecer um critério de reflexões em que entram a própria espacialidade humana, a confirmação de seu ser-situado – sua corporeidade, a espacialidade de sua existência – de seu ser-no-mundo, e que se orientam transcendendo-se até a temporalidade humana, a consciência tempórea e historializadora, os tempos vividos configurando a realidade, os tempos trans-históricos, poéticos, possibilitando antecipações. É a confirmação da presença humana proporcionalmente à sua própria história, de indivíduos e de pessoas, quando e onde espaço e tempo da presença do ser-no-mundo, no-mundo-tropical, permitem a compreensão sobre o próprio homem existente e sobre o Habitar Humano no Trópico.

São os espaços efetivos e afetivos – vitais. São os espaços sócio-culturais, valorativos. São as representações espaciais. São os tempos físicos com suas datas. São os tempos de vida, sociais, culturais. Tempos da experiência de vida – memórias de experiências – ressurgentes – tempo do estar-sendo, tróico, “fundido num só”. São as histórias de vida – biografias, autobiografias coletivas. É a história do Homem Habitante do Trópico e de suas experiências, as quais o Seminário de Tropicologia, segundo as diretrizes traçadas por Gilberto Freyre, seu idealizador, fundador e coordenador por mais de 20 anos, tenta sempre trazer à análise para redescobrir formas de saber e de cultura, através de análises, comparações, interpretações, sínteses, novas teses, inter e transdisciplinares – o sempre inacabado porque sempre aberto a novas indagações, investigações, reflexões críticas, recriações. É a experiência tropicológica – convivente – abrindo caminhos à compreensão do Homem Situado no Trópico, do seu universo, do que o cerca, pesa, estabelece-lhe exigências e o solicita à reflexão e à ação.

E o estudo reflexivo crítico sobre o Homem Situado num espaço-tempo psico-sócio-cultural, perfazendo por análises às proximidades e distâncias da presença do homem e tentando trazer à consideração teóri-

co-prática uma combinação de contrários, complementariedades, experimentos, experiências do viver humano, qualificadoras de sua própria existência, reclama-se de um saber de proporcionalidades, filosóficas e científicas, artísticas e práticas, que se exerça entre a interrogação universal sobre o homem, mergulhando e realizando-se nas individualidades e aplicando-se aos Homens Situados no Trópico, conformando assim uma experiência tropicológica, estabelecendo inter-relações com o seu mundo e o mundo em totalidade. Compare-se esta experiência tropicológica – compreensão, interpretação, significação – com o olhar que vê, penetrativo e reflexivo, enquanto o Homem Situado no Trópico está em percurso, questionando, estabelecendo analogias e comparações, propondo sínteses provisórias, redimensionando o visto que se torna o adquirido e fonte de novas projeções. Assim é a Tropicologia no estudo, na análise, na interpretação de fatos e de valores, dimensionando e redimensionando a existência, comportamentos, condicionamentos, o meio natural e cultural do Homem Situado no(s) Trópico(s). Uma “consciência do trópico”, com “análise e interpretações científicas de situações existenciais, concretas.”^{7:60,116,117}

É a Tropicologia alongando-se em engenharias – tanto física quanto humana, quanto social – atenta às situações existenciais e à situação tropical, inter-regional, nacional, transregional, de vida e de cultura, adaptadas às condições de espaço tropical, “inter-relacionando modernidade e tropicalidade, universalidade e regionalidade, inovação tecnológica e tradição”.^{8:119}

É a Tropicologia visando o Habitar do Homem Situado no Trópico, sua condição humana em situação, seu modo de ser e de conviver. E esse habitar é tanto físico quanto social, quanto humano, abrindo assim parâmetros às constituições psico-sócio-humanas das próprias ciências que com ela se inter-relacionam. Habitar Físico, biofísico, psicológico, que consideram a própria construtividade do homem, seu mundo de trabalho, de atividade, também o seu lazer. Habitar Social, psicossocial e psicocultural, que dizem o seu ser de organização, de sistematização, de inter-relações entre os próprios grupos humanos, seu universo comunitário e coletivo, permitindo a convivência. Habitar humano que diz a harmonização de elementos e o bem-estar do próprio indivíduo, sua pessoa, o concreto singular de profundo mistério e grandes segredos em seu ser – segredos do agir, no sentir, . . . mistério do seu ser uno.

Não será atingir compreensivamente esse modo de ser e de conviver do Homem Situado no(s) Trópico(s), seu habitar espaços e seu co-habitar tempos, seu habitar-se a si mesmo e a sua comunidade, objetivo da Tropicologia como ciência? Uma visão, portanto, do homem segundo as manifestações de sua co-presença no mundo, no seu mundo, e mais ainda, uma ciência da compreensão da situação humana, de seu modo de Habitar no(s) Trópicos(s). Há, portanto, uma síntese de universalidade e singularidade conjugada intercategoricamente que busca inteligir e dizer – teórica, prática, experimentalmente – a realidade da dramaticidade

da existência humana dimensionada concretamente na inserção do homem no seu espaço-tempo, no seu mundo. Nesse sentido como fenomenologia da existência que parte da categoria ontológica da situação, a Tropicologia é também uma fenomenologia da consciência de situações, do que seja o Habitar Humano no Trópico. Uma Fenomenologia, pois, da Compreensão da convivência do Homem Situado no Trópico, de sua condição humana em Situação, sua corporeidade, a espacialidade do viver humano, sua temporalidade.

Todas essas considerações como ponto de partida à reflexão crítica reclamam-se de distinções.

Se a topo-análise da vida e da história do indivíduo, a localização dos espaços da intimidade do homem são importantes para a visão fenomenológica, eles não se constituem exclusivamente. Pelo contrário, enquanto espaços não só físicos, mas psicossociais e sócio-culturais, indicadores da realidade humana, pessoal, misteriosa e secreta, pedem a consideração da própria situação humana de habitante entre coisas e habitante de um espaço, o de sua vida, espaço humano, vivido e convivente não só subjetivamente, mas concretamente, criando, recriando espaços, estabelecendo ordenações, redirecionamentos.

Assim, também, o tempo não é apenas a consideração de datas e horas, cronometradas, nem tão-só o que indica o contínuo passar ou fluir psíquico, mas o que coabitando com as tensões dramáticas do seu ser concreto, de sua pessoa, tanto diz em memória de ancestralidade ou tradições – comemorações –, tanto quanto, ao mesmo tempo é o que estrutura ou configura o vivido e comemorado e é convivência e configuração configurante de uma contemporaneidade com o futuro que se potencializa em antecipações. Por isso, tempo trípico – “simultânea e dinamicamente um tempo abrangente,”^{9:132} enquanto todas as mudanças indicam o que persistindo é duradouro e exigente de recriações.

No caso particular de homens brasileiros situados no Trópico, Gilberto Freyre já dizia que “o assunto, considerado no seu máximo de totalidade, é ao que nos leva: a considerarmos o problema brasileiro máximo, o mais ligado ao futuro nacional, tanto quanto ao presente, o problema do Homem brasileiro: do seu desenvolvimento como variante de um tipo pós-moderno de Homem: suas relações – relações em desenvolvimento – com a terra, com o clima, com o trópico: as relações, também em desenvolvimento, de uns grupos de idade com outros e de uns grupos econômicos com outros; as prováveis tendências e as possíveis consequências desses desenvolvimentos no espaço e no tempo; e, sobretudo, o Homem brasileiro como um homem nacional crescentemente miscigenado no sangue e na cultura a apresentar-se como modelo, nesse particular, a outros homens nacionais de hoje. Ou futuros. Assim fazendo, conseguiremos ver os problemas brasileiros, tendo por centro esse Homem nacional, com problemas projetados conscientemente sobre o futuro”.^{3:234}

Essa consciência de situações em complementariedade afetiva e efetiva atravessa toda a obra de Gilberto Freyre. Cada escrito seu é re-

tomado em outros, alongando e aprofundando uma mesma e densa temática – o Habitar Humano no Trópico – o que se confirma com suas constâncias de perspectivas de estudos, inovadoras e recapituladoras como falam por exemplo suas últimas obras, dentre as quais *Insurgências e Ressurgências Atuais, Homens, engenharias e rumos sociais*, obra póstuma, que como o seu tempo tróico são o entrelaçamento de seus passos dados, em testemunho pessoal.

Portanto a partir do seu situacionismo, de sua visão da condição humana circunstanciada, localizada e compassada de temporalidade, forma-se a consciência tropicológica exigindo um tratamento plural, interdisciplinar que diga o Habitual modo de ser do Homem Situado no(s) Trópico(s), e de onde partem as considerações sobre seus inter-relacionamentos, ações, recepções, valores. O eixo central de todas as reflexões é essa consciência de situações – compreensiva, experienciada – entre a rotina e a aventura do Habitar e estabelecer ordenações, captando movimentos, aspectos de influências, inter e co-relações vitais e científicas, complexos civilizatórios nos Trópicos, problemas, sugestões e possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Trópico e Cultura, prefácio. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 17, Recife. *Anais do Seminário de Tropicologia*. Recife: Ed. Massangana, 1989. 336 p.
- 2 DILTHEY, Wilhelm. *Obras*. VI. Psicologia y Teoría de Conocimiento, México: Fondo de Cultura Económica, 1951. 420 p.
- 3 FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. Sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do brasileiro, em particular, Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. XXX, 266 p.
- 4 FREYRE, Gilberto. *Um Brasileiro em terras portuguesas*. Introdução a uma possível luso-tropicologia etc., Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. 438p.il.
- 5 FREYRE, Gilberto. *O Brasileiro entre os outros hispanos*. Afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações, Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. LVI, 161 p.
- 6 FREYRE, Gilberto. *Ferro e Civilização no Brasil*, Recife; Fundação Gilberto Freyre, Rio de Janeiro: Record, 1988. 468 p.
- 7 Freyre, Gilberto. *Homem, Cultura e Trópico*, Recife: Imprensa Universitária, UFPE, 1962. 236 p.
- 8 FREYRE, Gilberto. *Homens, engenharias e rumos sociais*, Org. de Edson Nery da Fonseca, Rio de Janeiro: Record, 1987. 224 p.
- 9 FREYRE, Gilberto. *Insurgências e ressurgências atuais*. Cruzamentos de sins e não num mundo em transição. Rio de Janeiro: Globo, 1983. 290 p.

- 10 FREYRE, Gilberto. "Um novo tipo de Seminário (Tannembaum)". Em desenvolvimento na Universidade de Columbia: conveniência da introdução da sua sistemática na Universidade Federal de Pernambuco. Separata do *Simpósio sobre Problemática Universitária*. Recife: Imprensa Universitária, 1964, 39 p.
- 11 FREYRE, Gilberto. *A Propósito de Frades*. Sugestões em torno da influência de religiosos de São Francisco e de outras ordens sobre o desenvolvimento de modernas civilizações cristãs: especialmente das hispânicas nos trópicos, Salvador: Liv. Progresso Edit. , 1959. 192 p.
- 12 FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Introdução ao estudo dos seus princípios. Prefácio de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. 742 p. 2 v.
- 13 FREYRE, Gilberto. *Sugestões de um novo contacto com universidades europeias*. Recife: Imprensa Universitária UFPE, 1961. 244 p.
- 14 FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife: IJNPS, 1964. 162 p.
- 15 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. "O Humanismo Científico de Gilberto Freyre". In: *À memória de Gilberto Freyre*, Recife: Editora Massangana, 78 p. il.
- 16 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. "Sobre o Seminário de Tropicologia". *Ciência & Trópico*, 11(1): 47-69 jan/Jun 1983.
- 17 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. "A Tropicologia como fenomenologia". *Ciência & Trópico*, 15(2):193-198, jul/dez, 1987.
- 18 QUADROS, Antônio. *Introdução a uma estética existencial*, Lisboa: Portugália editora 1954, 142 p.